

50



EUGENIO DE CASTRO

1306

O MELHOR RETRATO

DE

# JOÃO DE DEUS



106

1906  
EDIÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DAS ESCOLAS MOVEIS  
PELO  
METHODO DE JOÃO DE DEUS  
LISBOA



Opus de Eugénio de Castro

O melhor retrato de João de Deus



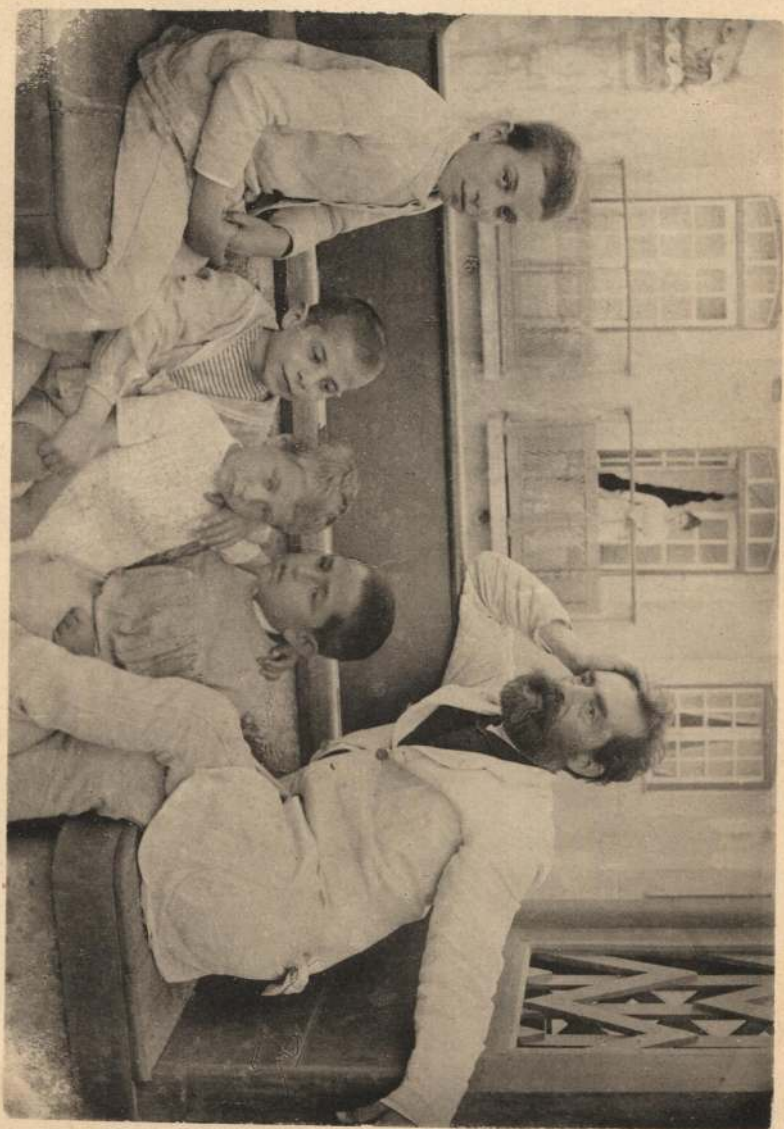
# Obras de Eugenio de Castro

---

CRYSTALLISAÇÕES DA MORTE (1884).  
CANÇÕES D'ABRIL (1884).  
JESUS DE NAZARETH (1885)  
PER UMBRAM (1887).  
HORAS TRISTES (1888)  
OARISTOS (1.<sup>a</sup> edição, 1890; 2.<sup>a</sup> edição 1900).  
HORAS (1891)  
SYLVA (1894).  
INTERLÚNIO (1894).  
BELKISS (1894).  
TIRESIAS (1895).  
SAGRAMOR (1895).  
SALOMÉ E OUTROS POEMAS (1896).  
A NEREIDE DE HARLEM (1896).  
O REI GALAOR (1897).  
SAUDADES DO CÉU (1899).  
CONSTANÇA (1900).  
DEPOIS DA CEIFA (1901).  
POESIAS ESCOLHIDAS (1902).

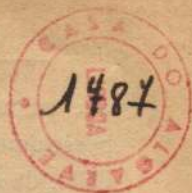
## *EM PREPARAÇÃO*

O ANEL DA POLYCRATES  
NOVAS POESIAS



1841

D'esta edição, cujo producto reverterá a favor do cofre da Associação de Escolas Moveis pelo methodo de João de Deus, fez-se uma tiragem especial de dezeseis exemplares numerados e rubricados pelo auctor, e com a photogravura impressa em papel do Japão.



Em outubro de 1885, tendo apenas dezeseis annos de idade, sahi d'esta linda Coimbra, para ir frequentar em Lisboa o Curso Superior de Lettras. Voluntariamente deixei o meu lar, como o Filho Prodigio, com a differença, porém, de que este abandonou a sua innominada terra para ir á cata de voluptuosos prazeres, ao passo que, a mim, só me arrancava dos meus a inquieta paixão da minha arte, a ancia febril e infantil de habitar uma capital, que eu julgava culta como Athenas no tempo de Pericles, uma capital cheia de nobres e grandes espiritos, entre os quaes esperava encontrar a Gloria, essa maviosa sereia dos adolescentes, que, desafortunadamente, me apparece agora como um dia appareceu aos irmãos Goncourt n'uma loja de *bric à brac*: sobre uma caveira, uma corôa de loiros... de gesso doirado.

À despedida, vendo olhos queridos que choravam por mim, submergiu-se-me o coração n'uma onda de saudades e de remorsos. Porém, as dores da juventude são como essa rustica flor que as mulheres chamam «amor dos homens» e que o bafo d'uma creança desfaz. Não se desfez a minha dor, que muitas vezes a senti depois, mas adormeceu pela viagem, ao canto dos sonhos, que no seu cantar me promettiam sumptuosas alegrias e triumphos.

Entre os mil desejos que então me sobresaltavam, aquelle

que eu mais fiel e desveladamente acarinhava, era o de conhecer pessoalmente João de Deus, de o ouvir, de entrar na sua intimidade, de conquistar a sua amisade. A sua sympathia já elle benevolamente me tinha manifestado na carta-prefacio que escrevera para um livrito meu, de versos, publicado um anno antes.

Assim, no dia immediato áquelle em que chegára a Lisboa, ergui-me cedo, fui assignar o termo da minha matricula no Curso Superior de Lettras, e d'ahi, ligeiramente, para o Alto do Penalva, onde o Poeta residia então. Estou a vêr-me ainda, offegante e acanhado, n'aquella salinha modesta, á espera que uma porta se abra e me apparecesse o Poeta da minha maior admiração. E a porta abriu-se finalmente! e por ella entrou, não o corpulento e magestoso homem que eu imaginára, mas um homemsinho baixo, quasi pobrementemente vestido, sem gravata. Tinha uma figura de operario humilde, mas a sua grandesa interior, o seu genio e a sua santidade transluziam dominadoramente n'aquelles olhos sideraes, os mais bellos, os mais profundos e luminosos olhos que em cara d'homem tenho visto.

Acolheu-me João de Deus como se ainda na vespera nos tivéssemos encontrado, e como se desde o berço me houvesse conhecido. Inquiriu miudamente dos meus projectos e da minha installação na capital, falou-me saudosamente dos seus tempos de Coimbra, deu-me brandos conselhos, — tudo isto com tão doce e tão estranha simplicidade, que as tres ou quatro grandes phrases, que eu tolamente fabricára para a occasião, se me escapuliram do espirito como sardaniscas assustadas.

Entraram, pouco depois, uma senhora e dois homens, todos professores de instrucção primaria, que vinham á *explicação*. João de Deus apresentou-m'os, e bondoso como era, na cândida persuasão de que todos sentiam, como elle, interesse pelos outros, derramadamente começou a contar aos recémchegados quem eu era, e a contar-me, a mim, a vida d'elles.

Quando nos despedimos, disse-me:

— Appareça. E como somos quasi visinhos, quando passar á noite pela Tabacaria Brazileira, ali na rua de D. Pedro V, espreite sempre, que eu costume lá ir um bocado ao serão.

Já se deixa vêr que n'essa mesma noite comecei a frequentar a Tabacaria Brasileira, onde João de Deus tinha uma côrte singular, formada por quatro velhos caturras enriquecidos em terras de Santa Cruz.

Conheço muitos grandes-homens que difficilmente se deixam abordar por creaturas que lhes sejam assaz inferiores, e quando o fazem é com uma reserva e uma sobranceria de entibiar os mais audaciosos. Com João de Deus dava-se precisamente o contrario. A sua cordialidade era a mesma, quer falasse a um sabio ou a um saloio, a um conselheiro d'Estado ou a um preto da banda de S. Jorge. E — milagre do genio! — esses quatro brasileiros tão cheios de brilhantes, de farronca e de ignorancia, esses quatro brasileiros, que ás outras pessoas só falavam nos seus contos de réis, na saude dos seus papagaios e no cambio do dia, maí João de Deus se aproximava, logo ficavam creaturas discretas, bem educadas, quasi sympathicas. Era Orpheo amansando as feras.

Uma noite, chegando á tabacaria, não o encontrei lá.

— Talvez esteja doente, disse-me o proprietario.

Correndo para o Alto do Penalva, fui encontrar João de Deus picando charutos no seu escriptorio.

— Então, porque não appareceu hoje?

João de Deus sorriu.

— Que quer o meu amigo? Veiu aqui esta tarde um pobre homem, que queria umas botas, para ir amanhã ao casamento d'uma filha. Dei-lhe as *primeiras* que encontrei, mas o peor foi que, ao anoitecer, quando me preparava para sair, verifiquei que não tinha *segundas*. Ora você bem pode comprehender que eu não podia apparecer na rua, de chinelos.

Foi n'essa noite, lembro-me bem, que João de Deus me offereceu a sua photographia, um retrato péssimo, mortiço, apagado, sem expressão, sobre o qual se fez a gravura em madeira que anda nas edições da *Cartilha Maternal*.

No anno immediato deixou João de Deus o Alto do Penalva, indo installar-se n'um primeiro andar da rua de Santo Antonio á Estrella, quasi defronte do Palacio da Boa-Morte, onde então vivia a condessa d'Edla, viuva d'el-rei D. Fernando.

Foi aqui que lhe appareceu um dia certo barbeiro d'Alcantara, chamado Mariz, pae d'um rapazinho que rapidissimamente aprendera a lêr pelo famoso methodo. Esse Mariz ficára doido de enthusiasmo pela invenção do Poeta, que lhe parecia ser, muito mais que um homem, um verdadeiro thaumaturgo, como Santo Amaro ou Santo Antonio; e no intuito de manifestar a sua admiração e o seu reconhecimento, vinha pedir a João de Deus que o tomasse por cabelleireiro, com a condição, porém, de que os seus serviços seriam absolutamente gratuitos.

João de Deus acceitou, commovido, a homenagem, insistindo no entanto em estabelecer certos honorarios, que Mariz firmemente recusou, declarando que o seu maior desejo seria passar toda a vida, dez, vinte ou trinta annos, a cortar-lhe o cabelo.

— E se V. Ex.<sup>a</sup> permite, começamos já.

João de Deus não podia dizer que não. Pedissem-lhe a lua, que elle responderia:

— Não sei se me será possível... Mas hei de vêr. Appareça amanhã.

Mariz, radiante pela prompta annuencia do Poeta, embrulhou-o n'um lençol, sentou-o n'uma cadeira, e depois de ter agitado no ar, em movimentos mysteriosos de feiticeiro, a comprida thesoira que tinha com um som de dentes batidos, começou gravemente a operação. Ao mesmo tempo travava-se entre carrasco e victima um animado dialogo. João de Deus perguntava a Mariz d'onde era natural, o nome da mulher, quantos filhos tinha, se as meninas já iam á mestra, que officio contava dar ao seu morgado.

E Mariz, respondendo a tudo com presteza e abundancia, proseguia freneticamente na sua tarefa, tão freneticamente que, a certa altura, João de Deus não se teve que lhe não dissesse:

— Tenha cautela, ó Mestre, olhe que eu não vou assentar praça.

Mariz suspendeu-se: com effeito não podia cortar mais. Mas parecia-lhe a elle, que quanto mais cabello cortasse maior admiração mostraria pelo grande homem, e assim, apoderando-se novamente do Poeta, ahi o vereis a aparar-lhe as espessas sobrançelhas, a adegajar-lhe o bigode farto e a talhar á *Guise* aquella barba despretenciosa, de apostolo.

— Por hoje talvez baste, amigo Mariz.

Mariz obedeceu, poisando a thesoira, mas não deixou levantar o Poeta sem primeiro o pentear de risquinho á banda, para o que previamente o besuntou com certa pomada, que dizia ser feita de tutanos d'urso e muito apreciada pelo senhor Infante D. Augusto.

João de Deus desfallecia.

Mariz, á despedida, revendo-se na sua obra, declarou orgulhoso:

— Nem parece o mesmo!

E não parecia, não!

Pois foi n'esse preparo, com os cabellos levantados n'uma atrevida pôpa, que João de Deus se retratou n'aquelle dia. Felizmente o retrato ou antes a caricatura não se divulgou muito.

\*

\* \*

Em julho de 1888 terminei o meu curso. Recolhi a Coimbra, viajei pelo estrangeiro, exerci por dois annos o logar de professor da Escola Industrial Brotero, escandalizei os «cabecinhas calvas», como João de Deus chamava aos timoratos d'espírito, com a publicação dos meus livros *Oaristos* e *Horas*, e em 1891 voltei para Lisboa.

Por esse tempo, morava João de Deus na calçada Nova da Estrella, que antes tivera o kilometrico nome de *Calçada Nova do Convento Novo do Sagrado Coração de Jesus*, e que depois veio a chamar-se rua de João de Deus

Foi de 1891 a 1894 que eu convivi mais intimamente com João de Deus, que eu pude admirar á vontade toda a grandeza d'essa alma incomparavel, surprehendendo, dia a dia, a grave e melancolica nobreza e o sereno heroismo com que elle, surdo e cego para todas as torpezas da vida, soube recatar a sua dignidade d'homem e de artista nos puros dominios do trabalho, do silencio e da meditação.

Nas horas tristes d'essa epocha, sempre que o coração se me apertava ao espectaculo da minha propria vida estagnada e futil, quando sentia impetos de fugir d'aquella sociedade sem ideaes e sem cultura, era para casa de João de Deus que eu fugia, era ao seu lado que eu recobrava animo para viver, e ao som da sua voz que se me azulava o futuro.

João de Deus, já muito adoentado, saía pouco, e poucos o procuravam. Antes e depois d'almoço, occupava-se do *methodo*, escrevendo cartas, dando explicações e revendo provas. Depois, lá de longe em longe, se o tempo estava optimo, ia dar o seu passeio pelo Jardim da Estrella, ou conversar para a loja visinha d'um judeu, que vendia antiguidades.

João de Deus coíhera a paixão das antiguidades no fim da vida. O seu escriptorio e a sua salinha de visitas, foi-as enchendo de antigos objectos, não fastuosos mas de gracioso e sympathico ar, e era com desvanecimento que elle mostrava aos que iam vê-lo as peças favoritas da sua colleção: um S. José com o Menino ao collo, attribuido a Machado de Castro, um taboleiro japonez com embutidos de madreperola, e uma singular vista de Lisboa, feita de palha e adquirida no espolio do ultimo marquez de Vianna.

Essa paixão crescia a olhos vistos. Ahi por 1893, estando de cama, a delirar com febre, descrevia deliciadamente as bellezas d'um Menino Jesus, em esculptura, sonhada maravilha que elle imaginava ter nas suas mãos amorosas.

Foi tambem n'esse tempo que dei com elle, uma tarde, a lêr

os *Salons* de Diderot. Era ao entardecer que eu ordinariamente o procurava, pela probabilidade de então o encontrar desoccupado e sosinho. Como de costume, João de Deus recebeu-me abraçando-me longa e silenciosamente. Sentámo-nos, accendemos os nossos cigarros e começámos a falar de pintura.

A certa altura, disse lhe :

— E' indispensavel que o meu amigo se deixe retratar por um bom artista.

João de Deus acolheu a ideia com jubilo, e como eu lembrasse o nome de Columbano, logo me prometteu que muito breve iria comigo ao *atelier* do illustre pintor.

Avisado d'isto n'essa mesma noite, Columbano ficou verdadeiramente encantado com a perspectiva de semelhante modelo.

Mas João de Deus cahira n'uma apathia estranha, já quebradas as fôrças pela doença de que veiu a morrer. O mover-se, o deslocar-se, o vestir-se, todas estas coisas eram para elle verdadeiros martyrios.

Dias successivos o procurei para o acompanhar ao *atelier* de Columbano, no Pateo do Martel, sem nunca achar meio de vencer a sua resistencia pacifica mas fortissima.

— Deixe estar. Iremos lá amanhã, se não estiver peor.

E no dia immediato, quando eu entrava, já elle tinha arranjado um novo pretexto :

— Hoje é impossivel. Estou á espera d'uma senhora d'Arrayolos, que quer aprender o methodo.

Assim se passaram dias, semanas, mezes, sem outro resultado. João de Deus tinha grande e manifesto empenho de ser retratado por Columbano, cujo talento muito apreciava, e junto do qual muitas vezes me acreditára embaixador com vehementes protestos de estima e consideração; mas, a despeito das maiores insistencias, não se affoitava a sair do seu cantinho, pensando apavoradamente n'uma ida á Baixa como n'uma viagem á Siberia, emparceirando em distancia o Rocio e o Rio de Janeiro.

Eu, pela minha parte, não o largava. Elle, que felizmente e visivelmente melhorára, mudou então de tactica. Chamou um cabelleireiro (devia ser o Mariz) e creio que lhe disse :

— Côte á sua vontade !

O que é certo é que d'esta vez ficou um verdadeiro recruta. E quando eu, horas depois, o ia solicitar novamente, João de Deus desculpou-se :

— Bem vê, o cabelleireiro exaggerou. Deixe Você que me cresçam os cabellos e depois o acompanharei.

Entretanto chegára o anno de 1894, em que regresssei a Coimbra. Eu, que ao pé d'elle nada tinha conseguido, agora de longe nada podia conseguir, e assim se perdeu de vez a occasião de fixar n'uma tela certamente admiravel a admiravel cabeça do maior poeta portuguez depois de Camões.

\*

\* \* \*

No anno immediato, fundei em Coimbra com o meu amigo, Manuel da Silva Gayo, a revista internacional *Arte*. Quando preparávamos o primeiro numero, escrevi a João de Deus pedindo-lhe uns versos seus, ineditos, e uma photographia para ser reproduzida em gravura. A resposta que me deu vem publicada com outras cartas suas no volume *Prosas* (pag. 244) e n'ella me dizia: «*Do retrato vou cuidar de saber o mais breve que lhe póde ser enviado*». Dias depois recebi eu uma photographia, trazendo nas costas as seguintes linhas :

Amo. 1887. Hothe

Naõ estava aqui na vendagem de  
 terra retrato meu, e para ficar proprio  
 onde se comprava terras em esta terra  
 ha muy 5 annos. Talun ha poma apor  
 tar a cobranca. Eu me servia de  
 go e querend firme com elle, e  
 neste caso nenhum poder que me  
 pegarem q. ali se pe' de mim me  
 e' meu, e entre os, e ali de gallo  
 meu.

Libanio Baptista

Capitulo 20-9-25

Essa photographia cuja reproducção phototypica acompanha este desataviado artigo, escripto a correr entre preocupações dolorosas e trabalhos de responsabilidade, foi tirada em 1887 ou 1888 no quintal da casa da rua de Santo Antonio á Estrella, por um professor de ensino livre, já fallecido, Libanio Baptista Ferreira. N'ella figuram, da direita para a esquerda: João de Deus, Francisco Judice Formosinho, hoje quartanista de medicina, filho

de Sebastião Formosinho, que morreu sendo capitão de infantaria 21, e foi um dos mais dedicados amigos do Poeta, e a seguir tres filhos d'este, D. Clotilde, delicado espirito, que a morte precocemente arrebatou, João de Deus Ramos, que tão nobremente está consagrando a sua intelligencia e a sua actividade á propaganda da obra de seu Pae, e José do Espirito Santo Battaglia Ramos, visconde de S. Bartholomeu de Messines.

Esse grupo, onde dos filhos de João de Deus só falta a senhora D. Maria Isabel Ramos, apresenta-nos o grande Mestre como elle realmente era, na attitude quebrada e preguiçosa que tantas vezes tomava, n'um d'esses melancolicos alheamentos em que tão frequentemente se deixava cahir... ou elevar.

Por motivos alheios á minha vontade, não se reproduziu na *Arte* esta photographia, a unica bôa que d'elle nos ficou, mas nunca perdi a ideia de a publicar, de pôr deante dos que o não conheceram a imagem fiel do que foi o Poeta do *Campo de Flores*. Sempre afogado em trabalhos, escoou-se o tempo sem que o meu projecto lograsse ver-se realisado.

Realisa-se elle agora, pela iniciativa do meu amigo João de Deus Ramos a quem da melhor vontade emprestei a preciosa photographia e a quem prometti algumas linhas que a acompanhassem em publico.

Ellas ahi ficam, escriptas, como já disse, entre fadigas e sobressaltos. Mas mesmo assim, atropeladas e pobresinhas de adornos, creio que mostrarão o que eu sobretudo quero que mostrem: a minha commovida e inextinguivel devoção pelo grande espirito do Poeta e do Amigo, um espirito dos mais bellos que Deus tem creado, e que Deus amava tanto, que até o reconheceu como filho no nome que lhe destinou.

Coimbra, 8 março de 1906

À venda nas principaes livrarias:

# O FESTIVAL DE JOÃO DE DEUS

8—III—1895

Poesias, Estudos litterarios, manifestações da Imprensa  
e collectividades scientificas,  
na celebração do LXV anniversario do Poeta,  
pela Mocidade das Escolas

com um

## ESCORSO BIOGRAPHICO DE JOÃO DE DEUS

POR

THEÓPHILO BRAGA

Reproduz a caricatura que o genial artista Raphael Bordallo Pinheiro fez do poeta João de Deus em março de 1895 e reúne muitas homenagens e apreciações notabilissimas, como, citando ao acaso, **em verso**, de Thomaz Ribeiro, Eugénio de Castro, Antonio Nobre, Gonçalves Crespo, Santos Valente Conde de Monsaraz, Conde de Sabugosa, Accacio Antunes, Julio Dantas, Afonso Lopes Vieira, etc.; e, **em prosa**, de Guerra Junqueiro, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Silva Pinto, Sampaio (Bruno), Abel Andrade, Alexandre Braga, Fernandes Costa, João Saraiva, Heliodoro Salgado, Bernardino Machado, Alfredo da Cunha, Alfredo Serrano, Alberto Pimentel, Joaquim de Vasconcellos, Moniz Barreto, Raphael de Labra, Luiz Vidart, Vitalia du Vergle, etc.

ACHA-SE DIVIDIDO EM CINCO CAPITULOS

- I—Saudação dos Poetas.
- II—Impressões críticas e notas de momento.
- III—Cortejos, Saráos, Mensagens e Conferências.
- IV—Festival em França e Hespanha.
- V—Cartas, Felicitações, Telegrammas e Brindes.

Preço 800 réis

Edição da Antiga CASA BERTRAND

RUA GARRETT

LISBOA